



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 4

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 4 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-906-6

DOI 10.22533/at.ed.066211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 2* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!
Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
#EXPOSED: COMO A DISCUSSÃO DE GÊNERO EM SALA DE AULA PODE AJUDAR A COMBATER O ASSÉDIO SEXUAL NAS ESCOLAS	
Ortiz Coelho da Silva	
Janaína Guimarães da Fonseca e Silva	
Francisca Mariana Melo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0662119031	
CAPÍTULO 2	17
A COMISSÃO ESTADUAL DA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA (LBA) E A ASSISTÊNCIA À SAÚDE INFANTIL NO PIAUÍ (1942-1945)	
Francilene Teles da Silva Sousa	
Joseanne Zingleara Soares Marinho	
DOI 10.22533/at.ed.0662119032	
CAPÍTULO 3	31
EDUCAÇÃO INFANTIL E FEMINISMO: UM ESTUDO DE CASO	
Paola Camila Branco Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.0662119033	
CAPÍTULO 4	37
AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM RETRATOS FOTOGRÁFICOS DO ESTÚDIO REUTLINGER NOS TEMPOS DA BELLE ÉPOQUE (1900-1915)	
Marco Antonio Stancik	
Ana Regina Praxedes Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.0662119034	
CAPÍTULO 5	45
A MULHER NA SOCIEDADE COLONIAL BRASILEIRA: UM ENFOQUE EM MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII	
Alex Augusto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0662119035	
CAPÍTULO 6	54
A SEXUALIDADE INDÍGENA NAS PERGUNTAS DE UM CONFESSIONÁRIO TUPI NO PARÁ DO SÉCULO XVIII	
Jaqueline Ferreira da Mota	
DOI 10.22533/at.ed.0662119036	
CAPÍTULO 7	79
MULHERES SEM TERRA INSUBMISSAS: REFLEXÕES SOBRE OS FEMINISMOS CONTRA HEGEMÔNICOS EM CONTEXTOS RURAIS EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL	
Flávia Pereira Machado	
DOI 10.22533/at.ed.0662119037	

CAPÍTULO 8	94
TERRA OU MORTE: AS DENÚNCIAS DAS FEDERAÇÕES CAMPONESAS E YANACONAS CONTRA AS FAZENDAS E O GOVERNO PERUANO, EXPOSTAS NO JORNAL UNIDAD (1960-1963)	
Marcos Marcial Matos Malpartida	
DOI 10.22533/at.ed.0662119038	
CAPÍTULO 9	107
A CABEÇA BRANCA DA HIDRA E SEUS PÂNTANOS: SUBSÍDIOS PARA UMA GEOGRAFIA DA HISTÓRIA DA AMAZÔNIA MARANHENSE, E PARA NOVAS PESQUISAS SOBRE COMUNIDADES INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, E CAMPONESAS	
István van Deursen Varga	
Raimundo Luís Silva Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.0662119039	
CAPÍTULO 10	120
A DIOCESE DE ITAGUAÍ, A LUTA PELA TERRA E AS COMUNIDADES TRADICIONAIS NO LITORAL SUL FLUMINENSE ENTRE 1970 E 1990	
Maria do Carmo Gregório	
DOI 10.22533/at.ed.06621190310	
CAPÍTULO 11	132
ENTRE A RELIGIOSIDADE E A INSURGÊNCIA: AS SANTIDADES INDÍGENAS NO BRASIL COLONIAL	
Juliana Mary Lourenço	
DOI 10.22533/at.ed.06621190311	
CAPÍTULO 12	144
MUDANÇAS NO CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO: A ASCENSÃO DO PENTECOSTALISMO, A REVERBERAÇÃO DA CRISE DO CATOLICISMO E A BUSCA MISSIONÁRIA CATÓLICA POR NOVOS FIÉIS (1950-2000)	
Derllânio Telecio da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.06621190312	
CAPÍTULO 13	154
A ARTE DE CURAR (PRÁTICAS DE CURA) E SUA “CRIMINALIZAÇÃO” EM IRATI E MALLETT- PR - PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Henrique Alexandro Senderski	
DOI 10.22533/at.ed.06621190313	
CAPÍTULO 14	163
“O QUE EU ME LEMBRO, EM PRIMEIRO LUGAR, EU NÃO SEI O PORQUÊ... OS AFOXÉS!”	
Alberto Bomfim da Silva	
Edson Farias	
DOI 10.22533/at.ed.06621190314	

CAPÍTULO 15	177
PROJETO DE EDIÇÃO DE LIVRO: MORRO DO PARAMIRIM, A VILA DE BREJEIROS E BARRANQUEIROS	
<i>Maria de Fátima Magalhães Mariani</i>	
<i>Leandro Magalhães Mariani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190315	
CAPÍTULO 16	189
MEMÓRIAS DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (1808-1840)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190316	
CAPÍTULO 17	204
NAS TRILHAS DA MEMÓRIA: LEMBRANÇAS ATUAIS DO REPERTÓRIO REPENTISTA DE ZÉ DA PRATA	
<i>Josi de Sousa Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190317	
CAPÍTULO 18	219
VISÕES DE UMA PEREGRINA: OS CAMINHOS ENTRE SAGRADO E PROFANO NA PEREGRINAÇÃO À CIDADE DE DIVINA PASTORA	
<i>Alice Batista Guimarães</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190318	
CAPÍTULO 19	231
ENTRE A LEI E A TRIBUNA: O INÍCIO DA VIDA PÚBLICA DE JOAQUIM NUNES MACHADO (1834-1837)	
<i>Manoel Nunes Cavalcanti Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190319	
CAPÍTULO 20	243
LUIZ AUGUSTO MAY NA CAPITANIA DO GRÃO PARÁ E RIO NEGRO: ESTRATÉGIAS PARA A DEFESA DO DA REGIÃO (1813)	
<i>Myriam Paula Barbosa Pires</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190320	
CAPÍTULO 21	255
KARL POPPER E A CIÊNCIA HISTÓRICA	
<i>Rafael Cavalheri Peres</i>	
<i>Diego Rodstein Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190321	
CAPÍTULO 22	263
VELHOS DILEMAS, NOVOS PARADIGMAS: OS IMPACTOS DA DIGITALIZAÇÃO DE DOCUMENTOS EM PESQUISAS SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
<i>Juliano Cabral Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190322	

CAPÍTULO 23.....	275
O JORNAL <i>A LUTA</i> E O ANIVERSÁRIO DO GOLPE DE 1964	
Caio Vinícius Silva Teixeira	
Claudia Cristina da Silva Fontineles	
DOI 10.22533/at.ed.06621190323	
CAPÍTULO 24.....	288
ESQUERDA POSITIVA OU ESQUERDA NEGATIVA? LEONEL BRIZOLA E SAN TIAGO DANTAS DURANTE O GOVERNO JOÃO GOULART (1961-1964)	
Marcelo Marcon	
DOI 10.22533/at.ed.06621190324	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	298
ÍNDICE REMISSIVO.....	299

CAPÍTULO 17

NAS TRILHAS DA MEMÓRIA: LEMBRANÇAS ATUAIS DO REPERTÓRIO REPENTISTA DE ZÉ DA PRATA

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 08/12/2020

Josi de Sousa Oliveira

UFPI - Altos-PI

<http://lattes.cnpq.br/0719579731091607>

RESUMO: O repente, oriundo de improvisos compostos basicamente de acordo com a situação em que o repentista está inserido, é uma prática presente no Brasil, especialmente entre os violeiros do nordeste. Observando tal fato, o presente estudo discute a prática de improvisar de um nordestino piauiense, comumente conhecido como Zé da Prata que, desde muito jovem, fazia versos rimados sobre diversos eventos cotidianos da cidade de Altos, lugar em que viveu durante toda a vida. Além dessas questões, importante explicitar que os improvisos de Zé da Prata, no momento em que eram criados, se popularizaram justamente porque continham representações caricaturescas e satíricas e elementos estruturais que facilitavam a memorização e a divulgação do público através da oralidade. Atualmente, tais improvisos também possuem uma constante divulgação, como elemento que representa dados culturais e artísticos da cidade de Altos-PI e estão presentes não somente através da oralidade, mas também em livros, como os de Zózimo Tavares (1995) e na literatura de cordel. Nesse sentido, o objetivo principal do trabalho é discutir a partir das entrevistas, a importância da memória como

veículo pertinente para compreendermos os improvisos de Zé da Prata. Metodologicamente, utilizamos uma bibliografia literária e histórica, pois nos ajudou a entendermos mais os conceitos relativos à arte de improvisar, bem como pesquisas com indivíduos contemporâneos ao repentista estudado. Dessa forma, através do trabalho, enfatizamos que a improvisação não é apenas uma forma de o repentista demonstrar rimas, mas também, um ato de interação social, tendo em vista que, a partir da situação, Zé da Prata criou versos espelhados na realidade social que, ainda hoje, fazem parte da memória coletiva da cidade de Altos-PI.

PALAVRAS-CHAVE: Improvisos, Culturas, Memória.

ON THE TRACKS OF MEMORY: CURRENT SOUVENIRS OF THE REPEATER REPERTORY OF ZÉ DA PRATA

ABSTRACT: The *repente*, derived from improvisation composed basically according to the situation in which the *repentista* is inserted, is a present practice in Brazil, especially among the northeastern violists. Noting this fact, the present study discusses the improvise practice of a northeastern man from *Piauí*, named, commonly known as *Zé da Prata*, who since a very young age wrote rhymed verses about several daily events of the city of Altos, the town where he lived all his life. Besides these issues, the important explicit improvisations Zé da Prata, at the time they were created, became popular precisely because they contained caricaturescas and

satirical representations and structural elements that facilitated the storage and disclosure of the public through orality. Currently such improvisational also have a constant dissemination, as an element that represents cultural and artistic data from the city of High -PI and are present not only through oral tradition, but also in books, such as Zózimo Tavares (1995) and the literature twine. In this sense, the main objective of the work is to discuss, based on information, the importance of memory as a relevant vehicle for understanding Zé da Prata's improvisations. Methodologically, we used a literary and historical basis because it has helped us to understand more the concepts relating to the art of improvising as well as researches/ interviews with contemporaneous individuals of the studied *repentista*. In this way, throughout this work, we have emphasized the improvisation is not only a way the *repentista* has to demonstrate rhymes, but also, a social interaction act, bearing in mind that, from a given situation, *Zé da Prata* created verses that mirrored the social reality, which, nowadays, are part of the Altos city collective memory.

KEYWORDS: Improvisation, Cultures, Memory.

Revisitar o passado, a partir de reminiscências ou da influência desse passado para a contemporaneidade, induz à apreensão do modo como elementos criados em outros espaços ainda mantêm importância e vivacidade nos dias atuais. Convém mencionar que em meio à diversidade de modos de revisitar a memória do passado, isto é, através de objetos, monumentos, nas ruas, na visita a prédios públicos, entre outros, a fonte oral apresenta uma legitimidade, oferecendo-nos informações para a compressão de fatos ocorridos em determinado contexto.

Desse modo, vários projetos que envolvem esse tipo de pesquisa são produzidos, especialmente porque podem ser realizados “[...] em qualquer lugar- pois toda comunidade carrega dentro de si uma história multifacetada de trabalho, vida familiar e relações sociais à espera de alguém que a traga para fora” (THOMPSON, 1992, p. 217).

Paul Thompson menciona alguns locais em que a pesquisa com entrevista oral pode ocorrer com êxito, dentre os quais destacamos a escola, pois os docentes ao desenvolverem atividade de história oral com seus alunos, promovem a interação e discussões sobre a importância da história local. Além disso, as crianças ao fazerem as coletas desenvolvem várias capacidades: habilidades de pesquisa, o exercício de compreensão e interpretação das fitas gravadas e habilidades sociais básicas como a paciência, a capacidade de escutar os outros e de se comunicar. O método de história oral constitui, então, um estímulo para as crianças serem criativas (THOMPSON, 1992).

Todavia, apesar das possibilidades de utilização do método de história oral em sala de aula, convém ressaltar os possíveis problemas: os de organização, já que esse tipo de aprendizagem é praticável apenas para pequenos grupos, sendo difícil a organização em grandes grupos; problemas de equipamento, especialmente entre as crianças que não têm recursos financeiros para custear a atividade; e problemas no desenvolvimento das habilidades de entrevistar, pois nem sempre essa é uma tarefa fácil de ser desenvolvida

pelas crianças ou adultos aprendizes. E, ainda, mesmo esse tipo de recurso constituindo-se um inovador veículo didático, os projetos de história oral só podem ser feitos com êxito através de professores habilitados e também em contextos bem estudados (THOMPSON, 1992).

Assim, são os projetos de educação superior que de fato promovem trabalhos bem sucedidos de história oral, pois o pesquisador estuda as teorias e métodos de pesquisa oral e aprende a lidar de forma mais perspicaz com as informações oferecidas pelo entrevistado. De acordo com Thompson, em se tratando de fonte oral, a maior dificuldade para o pesquisador acontece quando o tema de trabalho é algo que faz parte de um passado distante, já que os possíveis entrevistados podem ser velhos demais e suas lembranças são deterioradas ou confusas (THOMPSON, 1992).

Os trabalhos com a fonte oral praticados nas universidades devem priorizar todas as classes e grupos sociais e, nas palavras de Verena Alberti:

Polarizações do tipo “história vista de baixo” *versus* “história de cima” contribuem, ao meu ver, pra enfraquecer a própria especificidade da história oral- ou seja, a de permitir, entre outras coisas, o registro da experiência de um número cada vez maior de grupos, e não apenas dos que se situam “embaixo” da escala social (ALBERTI, 2010, p. 47).

É necessário ocorrer a superação total de tais polarizações e, segundo Verena Alberti, para aqueles que trabalham com fontes orais, o foco deve estar em compreender as características teóricas e metodológicas, como também em analisar os diferentes tipos de experiências pessoais e não somente as de um grupo específico. Agindo dessa forma, não estaremos legitimando pesquisas preconceituosas.

Seguindo as considerações de Thompson (1992) e de Verena Alberti (2010) sobre a importância de trabalhos que utilizam os diálogos como forma de fonte, no sentido de que tais diálogos nos fornecem conhecimentos mais amplos sobre determinada realidade, procuramos enfatizar neste capítulo as entrevistas, especialmente com homens velhos que no passado tiveram contato com o repentista. Tal fato possibilitou a melhor compreensão de peculiaridades e experiências dos entrevistados com relação aos repentes de Zé da Prata..

11 MEMÓRIAS SOBRE ZÉ DA PRATA: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR ALGUNS IDOSOS DA CIDADE DE ALTOS-PI

Analisar dados referentes a memória de indivíduos que presenciaram determinadas manifestações artísticas foi uma forma interessante de se conhecer o passado, embora precisemos de métodos específicos para reativar a memória, tendo em vista que as experiências vivenciadas tendem a ser esquecidas ou parcialmente lembradas. Para as

entrevistas que fizemos, é importante explicitar os métodos específicos que empregamos, pois foram eles que nos propiciaram a obtenção de mais informações sobre Zé da Prata.

Seguindo algumas considerações de José Carlos Sebe Bom Meihy, buscamos entender a forma de organização mental dos colaboradores e não tratar os entrevistados apenas como pessoas que somente oferecem uma visão ou opinião que podem ou não serem verdadeira. Para quem faz entrevistas, o cuidado maior, portanto, deve estar na explicação da versão de determinado evento vivenciado pelo entrevistado e não necessariamente na precisão, ou na ordem cronológica de tal fato (MEIHY, 2002).

Além destas questões, é importante ressaltarmos as fronteiras existentes entre história oral e a literatura antes de analisarmos as entrevistas feitas com os velhos relacionadas a Zé da Prata. Ao analisar tais fronteiras, Verena Alberti menciona uma tese defendida na Universidade de Hamburgo por Hans Joachim Schröder e publicada em 1992. Na tese, Schröder defende que as entrevistas têm um potencial literário, isto é, que os métodos da escrita literária também estão presentes nas vozes daqueles que falam sobre o passado. Todavia, de acordo com Verena Alberti, Schröder esquece que a narrativa literária possui especificidades:

Muitos autores chamam a atenção para a impropriedade do termo "literatura oral", já que "literatura" [...] é sempre da esfera da escrita. Mas, há outras formas de separar os diferentes domínios. Uma delas é o conceito de "temporalidades discursivas" desenvolvido por Luiz Costa Lima, que desloca a discussão para diferentes modalidades narrativas. Assim, sem correr o risco de afirmar que tudo é literatura, podemos considerar que tudo é narrativa, havendo narrativa literária, a autobiográfica, a história oral. Cada uma, diz Costa Lima, tem "regras para o uso", nunca exaustivas ou totalmente diferenciadoras, mas que demarcam fronteiras [...] (ALBERTI, 2010, p. 64).

Partindo da ideia de que a narrativa literária e a narrativa histórica têm suas regras e que nem tudo pode ser considerado literatura, podemos fazer trabalhos realmente profícuos, possibilitando a apreensão de determinado contexto histórico. As entrevistas não podem ser consideradas literatura, pois existem condições próprias de produção material, que diferenciam a entrevista de um romance, de uma autobiografia e até de um interrogatório judicial (ALBERTI, 2010).

A forma, o estilo, ou seja, a própria linguagem de quem produz literatura, é diferenciada das narrativas não ficcionais, daí advém a necessidade de se estabelecer distinções, já que os produtores da arte literária não têm um vínculo direto com a verdade, e sim com atos ou formas de fingir. Mas, este fato não impede que dentro dos meandros ficcionais, o autor insira elementos verídicos para compor a narrativa, através de um processo de construção e elaboração para diferentes tipos de leitores.

Quando uma pessoa decide fornecer informações sobre seu passado, as quais muitas vezes não obedecem a uma ordem cronológica, é possível constatar diferentes situações, e não somente aquelas ligadas ao poeta que pesquisamos. É interessante que

alguns acontecimentos ficam registrados com menor intensidade nas mentes, e outros tendem a ser lembrados com maior facilidade. Através das entrevistas, foi possível identificar esse fato, pois nos diálogos com os velhos, determinados acontecimentos do passado são rememorados com maior facilidade do que outros, sendo que alguns desses acontecimentos sempre são repetidos ao longo da conversa.

Michel Pollak (1989) explicita bem essa questão ao mencionar que tanto na memória individual como na memória coletiva existe algo de invariante, pontos que relativamente não mudam mesmo em decorrência do passar do tempo. É “[...] como se [...] houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças” (POLLAK, 1989, p. 3). No entanto, é preciso pontuar que, apesar de existirem acontecimentos que não mudam em função do nosso presente, a memória deve ser entendida também como um fenômeno mutável, isto é, transformado ou modelado de acordo com o passar do tempo, das necessidades do presente, em função das relações sociais e do próprio movimento da fala. A partir destas considerações, analisemos a primeira entrevista, concedida por seu Erasmo da Silva Oliveira Costa.

O entrevistado nasceu na cidade de Altos-PI na década de trinta, especificamente em 1932, e conheceu Zé da Prata na década de 1940, portanto, quando era adolescente. Apesar de um homem lúcido, não foi possível obter muitas informações sobre o poeta, mas se refletirmos sobre os pontos irreduzíveis, mencionados por Pollak, que não se modificam com o passar dos anos na memória das pessoas, iremos encontrar, nas lembranças do seu Costa, memórias sobre Zé da Prata, que ainda perduram com muita fluidez, justamente porque tais lembranças passaram a fazer parte da essência do indivíduo.

Entre essas lembranças, ressaltamos as características ditas pelo entrevistado sobre Zé da Prata: era um velho que gostava de assobiar e fazer brincadeiras com outras pessoas, pois em tudo que dizia sempre utilizava a improvisação: “se você dava uma palavra para ele, ele botava outra por cima e rimava aquela palavra” (COSTA, 2013). O seu Costa ainda chegou a presenciar uma situação de improviso, em que Zé da Prata chama um amigo, sem que ele perceba, de “bosta de garça”. Tal fato nos induz a identificação da perspicácia do poeta em compor versos satíricos, pois importante para o improvisador era, através das palavras, propiciar divertimento para as outras pessoas:

Vinha vindo um cidadão [...] que tinha muita raiva de quem chamasse ele de bosta de garça. Aí nós estávamos em pé, era eu o Jessé, Zé da Prata [...] quando lá vinha esse rapaz [...], que brigava mesmo se alguém chamasse ele de bosta de garça:

- Bom dia, seu Zé da Prata como é que está o senhor?

- Tá tudo muito bom.

- O que há de novo?

- Rapaz, só se vê é isso:

A calçada do Lourenço

tá alta que só a massa

de longe parece goma

de perto, bosta de garça (COSTA, 2013).

No início e no final da entrevista o seu Costa menciona essa situação desencadeadora do improviso satírico. Mas, por que ocorrem repetições de determinados eventos passados no decorrer das entrevistas? Segundo Pollak, como já havíamos destacado, existem elementos irredutíveis presentes na memória das pessoas, daí tais elementos sempre são repetidos ao longo dos diálogos, devido ao fato de não serem esquecidos por causa do trabalho de solidificação da memória, embora existam tantos outros acontecimentos de nosso passado que se modifiquem ou se alterem quando rememorados (POLLAK, 1989).

Além dos fatos irredutíveis e dos fatos mutáveis, há também os elementos constitutivos da memória que, de acordo com Pollak, são três: o primeiro elemento são os acontecimentos, sejam aqueles vividos individualmente, pelo grupo a que pertencemos ou pela coletividade; o segundo elemento da memória são as pessoas (familiares e amigos) e também os personagens (geralmente são indivíduos de que ouvimos falar, ou conhecemos, mas com quem não desenvolvemos laços de amizade); e o terceiro elemento constitutivo da memória são os lugares, principalmente aqueles que desencadeiam lembranças com ou sem apoio cronológico.

Observando os elementos constitutivos da memória, podemos relacioná-los à entrevista concedida pelo seu Costa. Sobre o primeiro elemento, ou seja, os acontecimentos, identificamos que, apesar de o entrevistado ser uma pessoa bem jovem quando presenciou a situação desencadeadora do improviso satírico em que Zé da Prata chamou um homem de “bosta de garça”, tal acontecimento se fixou na sua memória de forma tão intensa, sendo impossível esquecê-lo. Deste fato, entramos no segundo elemento constitutivo da memória, as pessoas e personagens. Para o senhor Costa, Zé da Prata é um personagem, pois ele conheceu o poeta, mas não desenvolveu laços de amizade com ele. Zé da Prata também é um personagem para a população da cidade de Altos-PI, já que, mesmo não pertencendo ao nosso espaço-tempo, o poeta desempenha um papel de contemporâneo, pois deixou, a partir de seus improvisos, um legado cultural na memória de muitos indivíduos.

Já o terceiro elemento constitutivo de nossa memória são os lugares. “[...] Existem lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que podem não ter apoio no tempo cronológico” (POLLAK, 1989, p. 3). A calçada de seu Lourenço, localizada em uma esquina da cidade de Altos-PI é um lugar de memória para seu Costa, especificamente porque nesse ambiente ocorreu um acontecimento que se cristalizou na memória do entrevistado, ou seja, o improviso de Zé da Prata, supracitado.

Ao buscarmos na memória do senhor Costa lembranças sobre Zé da Prata, percebemos que o entrevistado também enfatizou alguns aspectos referentes à cidade de Altos: “naquela época, todo mundo andava de pés” (COSTA, 2013), fato que até impossibilitava as pessoas de se locomoverem para os ambientes onde se originavam as improvisações. O transporte que existia em Altos entre as décadas de 1920-1940, era a bicicleta e, de acordo com o seu Costa, “quando dava a tarde, vinha aquele monte de gente só para ver como é que andava de bicicleta, como é que se segurava [...]” (COSTA, 2013) no transporte.

Observamos, ainda, na fala de seu Costa os poucos espaços de lazer e de diversão no período estudado, não havia políticas públicas incentivadoras da criação de espaços de diversão para a população. Os poucos entretenimentos existentes eram os bares, as festas nos interiores e as palestras e os improvisos originados nos mais diversos ambientes. A tecnologia foi surgindo de forma muito lenta; o rádio, por exemplo, era objeto apenas de famílias que tinham mais poder aquisitivo. Sobre esse assunto, o entrevistado destaca o seguinte:

O primeiro que colocou o rádio foi o finado Zé Candido [...]. Quando dava a tarde nós se ajuntávamos, aquele cardume de rapazes, ia prá lá e ele colocava o rádio em cima de uma janela para o rádio cantar e tocar e a gente ficava escutando (COSTA, 2013).

Optamos por pontuar essas questões sobre os poucos espaços de entretenimento de Altos-PI, principalmente para o leitor compreender que, se o meio social de Zé da Prata fosse um lugar mais desenvolvido e oferecesse oportunidades de estudos para a população, provavelmente o poeta não teria morrido na pobreza, auxiliado apenas pelos amigos. Sobre essa questão, a entrevistada Maria Ester Viana (2013), que nasceu em 1940, nos relata algo importante de ser assinalado. Vejamos.

A senhora Viana (2013) conheceu o Zé da Prata quando tinha nove anos de idade, e uma situação ficou registrada em sua memória: a morte do improvisador em 1949, no povoado de Canto Alegre¹. Horas antes da morte de Zé da Prata, a entrevistada relembra que entrou no quarto onde o poeta se encontrava e ouviu os seguintes versos:

Eu estou na casa do meu amigo Antônio Inácio,

E muito bem recebido.

De manhã eu tomo leite.

De tarde mingau de puba.

Estou no meio de uma ladeira.

Só não sei se eu suba (VIANA, 2013).

1. Em 1949 o povoado pertencia a Altos-PI, mas hoje pertence à cidade de Coivaras-PI.

O povoado de Canto Alegre, para a senhora Viana, é um lugar onde se desencadearam diversos acontecimentos: brincadeiras de infância, banhos nos riachos e também fatos tristes. Alguns destes acontecimentos se cristalizaram de uma forma muito intensa em sua memória, e serviram como base de apoio cronológico para uma “[...] relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma” (POLLAK, 1989, p.2). Foi o caso do improviso de Zé da Prata, pois a entrevistada, ao escutá-lo, cristalizou em sua memória a situação em que tais versos foram criados, a data, o dia em que ocorrera (14 de março de 1949) e a idade que tinha (nove anos).

Convém pontuar que durante a época em que Zé da Prata ficou no povoado de Canto Alegre, o improvisador recebeu a visita de várias pessoas; desse modo sempre que alguém perguntava o seu estado de saúde, criava versos sobre a morte:

Eu estou passando as horas
em estado moribundo.
Mas rede e panela velha
só se acabam pelo fundo.
E talvez nestes três dias
viajo pra outro mundo.

Estou aqui padecendo,
como velha carnaúba.
Meus lábios estão rosados
que só tripa de cojuba
e a face toda corada
que só flor de carnaúba.
Só me dão pra comer
um triste mingau de puba.
Tô no meio de uma ladeira
e não sei como é que suba (TAVARES, 1995, p. 54).

A coisa pior do mundo
que deixou a natureza
foi um pobre moribundo
fitando vela acesa (TAVARES, 1995, p. 55).

Entre os sertanejos, quando havia algum doente próximo de falecer, acendia-se uma vela que seria levada à mão da pessoa no momento da morte. Com Zé da Prata não foi diferente, daí o improviso relacionado a essa prática. Desse fato, é perceptível que Zé da Prata tinha uma paixão muito forte pelo repente, pois mesmo minutos antes de sucumbir, não pôde deixar de criar. A paixão do poeta pela arte de rimar também fica evidente em outros repentes, que refletem o prazer do poeta em cantar e criar:

Soneto Autobiográfico

José Fernandes, meu nome
Carvalho, paterna herança
da Prata, por apelido
Caboclo por confiança.

Prata de lei no repente.
Está nisto o meu tesouro.
Em muitas vezes a prata
serve melhor que o ouro...

De Altos sou altaneiro,
Minha terra predileta,
Não me faz viver a rogo...
Sou do trabalho o primeiro,
pois com carta de poeta
não se põe panela ao fogo (TAVARES, 1995, p. 32).

Notamos no soneto autobiográfico o orgulho que Zé da Prata tinha de suas origens, amor à terra apesar das adversidades assim, mesmo sem possuir bens materiais de valor, tinha consideração pela sua arte, a sua maior riqueza. Entretanto, mesmo considerando sua arte algo valioso, ao transpormos os nossos olhos para as últimas estrofes, veremos que o eu lírico denota a necessidade de trabalhar, porque viver como um poeta, ou ter isso como trabalho, não é garantia de ter o que comer. A expressão “por panela ao fogo”, neste caso, sugere que o sustento do poeta, a alimentação, por exemplo, será conquistado mediante seu trabalho, o que ele não conseguirá com sua poesia.

Retomando a análise do soneto autobiográfico supracitado, no quarto e quinto versos, onde o poeta relata que “em muitas vezes a prata /serve melhor do que ouro” (TAVARES, 1995, p. 32) fica explícito um gesto de autovalorização: o homem, possuidor do apelido Zé da Prata, é melhor do que algo tão valorizado pelas classes abastadas da sociedade, pois tem a capacidade de lutar por um mundo melhor, ou pelo menos fazer sua parte como cidadão, através da consciência crítica e questionadora. Criticidade que fica expressa no seguinte improviso:

A minha roupa está velha
Já me vejo quase nu.
Meu chapéu está furado,
roído de guabiru.
O papagaio lhe bicou
Pensando que era beiju.
Como é que nestes trajes
Vou votar no Canguru? (DIAS, 2011, p. 38).

Nesse repente, é evidente mais uma vez a sagacidade de Zé da Prata em compor versos satíricos, com vocábulos diferenciados (guabiru, por exemplo, cujo significado é rato), com intuito de enfatizar melhor a situação vivida por ele, que também é a situação de muitas pessoas pobres, devido à política corrupta. Tal improviso foi criado quando perguntaram a Zé da Prata em quem votaria nas eleições de 1940, daí o poeta fez o improviso satírico mencionando, sim, a pessoa em quem não votaria, ou seja, o Canguru, um apelido do senhor Anísio Ferreira Lima, que se candidatou à prefeitura de Altos. Em outro repente, Zé da Prata novamente usa sua criticidade que, mesmo de forma engraçada, visa a satirizar os políticos:

Chico preto só mela o bico
No tempo que dá melão.
O rico só lembra do pobre
No tempo da eleição.
Por isso quem quiser subir,
Que suba num foguetão
E vá roubar no inferno,
Que é lugar de ladrão (DIAS, 2011, p. 40).

Chico preto é um pássaro que possui diferentes nomes de acordo com a região. No caso do Piauí e Maranhão, é chamado de Chico preto, já em Mato Grosso, por exemplo, tem o nome de assum preto. É preciso dizer que a análise desses vocábulos empregados pelo repentista é relevante, pois deixa explícito que “os elementos semânticos utilizados para descrever qualquer forma de literatura oral, mesmo que isolados de seu contexto taxionômicos, não podem ser projetados tais e quais sobre a taxionomia de outras línguas” (REY-HULMAN, 1983, p. 1-2).

Voltando aos diálogos com a senhora Vianna, é interessante notar que em sua fala ficaram explícitas as repercussões sociais que os repentistas causavam na cidade de Altos-PI, pois as pessoas gostavam e “[...] davam valor aos improvisos dele, saíam todos morrendo de sorrir, ele era imoral e escandaloso” (VIANA, 2010). Reparamos na fala de Vianna que, apesar de muitas pessoas gostarem de ouvir as cantorias, havia indivíduos, assim como a entrevistada, que não as achavam condizentes com a moralidade aceitável da época, isso ocorria porque muitos versos tinham um teor satírico, mencionando hábitos e condutas de forma natural, sem eufemismos, daí serem criticados, pois não respeitavam os bons costumes e as condutas aceitas.

Na entrevista com o senhor Arlindo Batista Soares, que nasceu em abril de 1911 e também conheceu Zé da Prata, por volta da década de 1925, o entrevistado ficou meio cauteloso em expor uma improvisação que sabia, sendo necessário convencê-lo de que se tratava de uma pesquisa sobre os repentistas de Zé da Prata e que ele podia falar despreocupado com os termos:

- Vou expor essa prosa aqui. Não... Não vou expor não é debochada.
- O senhor pode dizer, estou pesquisando e conheço as poesias dele. [...]. O senhor pode falar.
- Eu posso dizer?
- Pode dizer!
- Rapá, rapé e raposa
- Lá nas barras do Sambito²
- Onde o diabo deu no capeta
- E o capeta no maldito
- Em tua mão está escrito
- Que um rapaz aqui em Altos
- Já pegou o teu priquito (SOARES, 2013).

Assim como a entrevistada Vianna denominou Zé da Prata como imoral e escandaloso, o senhor Soares também tinha uma opinião sobre o poeta: a de ser um

2. Rio localizado na cidade de Aroazes- PI.

homem debochado, daí o receio de relatar o improviso, especialmente por causa da última rima. Outro aspecto característico da entrevista feita com o senhor Soares foram os esquecimentos, fato decorrente devido a avançada idade, ou seja, 102 anos. Porém, mesmo assim se lembrou de variados aspectos sociais das décadas de 1920 a 1940. Com relação aos repentes, o entrevistado mencionou que sabia de vários, mas esquecera com o passar do tempo.

Seguindo algumas orientações de Thompson (1992), sobre a relevância de levarmos para as entrevistas algo que sirva para reativar a memória dos velhos, foram expostos para o senhor Soares, alguns improvisos de Zé da Prata, ato que agradou muito ao entrevistado e fez com que suas recordações sobre os repentes se ativassem. Assim, à medida que ouvia outros improvisos, gradativamente foi rememorando alguns, como esse:

O bicho que mata o homem
mora debaixo da saia
tem asa que nem morcego
e esporão que nem arraia.
Tem um buraquinho no meio
onde a madeira trabaia (SOARES, 2013).

Os improvisos satíricos foram um interessante estímulo para a memória do senhor Soares, condizendo com aquilo que Thompson ressalta sobre a necessidade do entrevistador “[...] levar consigo diversos auxílios para a memória. [...] O entrevistado vê o objeto e, se você escolheu bem, ele não precisa de nenhum estímulo para se abrir [...]” (THOMPSON, 1992, p. 265). No caso dos repentes acima, eles se desencadearam quando Soares escutou os seguintes versos:

Há uma espécie de arraia
que os homens gostam dela,
é enfeitada de fiapos,
tem um dente na tigela.
Na hora que vai comer
se abre que nem moela
e amolece nervo duro
mais ligeiro que panela (TAVARES, 1995, p. 55).

Quanto mais o senhor Soares ouvia os improvisos satíricos, mais ele sorria e pedia desculpas por não se lembrar de outros: “Sei de mais, mas é porque sou esquecido, é

a idade” (SOARES, 2013). O repente acima surgiu porque Honório Saraiva Barbosa, ao visitar Zé da Prata, que já se encontrava muito doente, pediu que o repentista criasse versos diferentes, sugerindo que fosse criado algo relacionado com qualquer animal que vivesse na água, daí o poeta fez o improviso e, mesmo estando doente, não deixou de compor versos satíricos, ao comparar a genitália da mulher com a arraia.

Curioso que os pedidos de desculpas eram constantes e, ao longo do diálogo, se repetiam: “eu é que me esqueço, por causa da idade, eu sabia de tudo. Eu viajava de noite [...] lá de casa para Campo Maior, eu cantava demais, versos bonitos” (SOARES, 2013). Através dessa fala, notamos que o entrevistado também improvisava quando jovem e, assim como Zé da Prata, viajava para diferentes cidades, para cantar e improvisar com seus amigos. É preciso explicitar que, mesmo o senhor Soares tendo conhecido o repentista, os improvisos supracitados foram aprendidos oralmente por causa da constante circulação dos versos do improvisador.

Circulação facilitada especialmente porque, praticamente em todos os espaços de sociabilidade, Zé da Prata compunha versos, que eram assimilados oralmente por diferentes pessoas e, segundo a senhora Vianna, o Bar do Chico Cazuzza “era ponto dele, comia coalhada todos os dias” (VIANNA, 2013), além de cantar e improvisar com seus amigos.

A entrevistada Joana Brasilina da Silva, que nasceu em 1915, não teve muito contato com Zé da Prata, todavia relatou outro espaço de sociabilidade onde se originaram inúmeros improvisos de Zé da Prata: o antigo mercado de Altos. “Conheci o Zé da Prata, tocando ali de frente, adiante o mercado, tocando e cantando, cantava bom e bonito” (SILVA, 2013). Ela nos relatou também, que as pessoas gostavam dos improvisos do poeta, mas que nem sempre havia muitos indivíduos presentes para ouvir seus versos. A entrevistada não se lembrou de nenhum repente, mesmo presenciando situações de improvisos; tal circunstância confirma mais uma vez aquilo que Pollak (1989) reflete a respeito de a memória ser seletiva, pois nem todos os acontecimentos que presenciamos ficam registrados e gravados em nossas memórias.

Então, toda forma de memória é organizada de modo específico, fornecendo-nos fatos de uma realidade de uma maneira não tão linear. O diálogo com Antônia Ribeiro de Almeida, que nasceu em novembro de 1925, elucida o que Pollak expõe acerca da memória, pois ela constrói suas lembranças organizando os acontecimentos de sua vida, assim como os outros entrevistados, de forma seletiva e não linear: primeiro ela recorda alguns fatos de sua vida, tais como a família, os lugares onde estudou e onde trabalhou, posteriormente, relata algumas informações sobre o nosso objeto de estudo e depois fala novamente dos lugares de trabalho, dos irmãos, da cidade de Altos, sempre de uma forma descontínua. Ao falar de Zé da Prata, especifica que chegou a vê-lo e que as pessoas gostavam dos repentes dele, fato que confirma a popularidade do poeta, tendo em vista que todos os outros entrevistados relataram que Zé da Prata, apesar de debochado, era um

homem conhecido e admirado. A senhora Almeida não participou de nenhuma situação de improviso, porém justifica o porquê de não ter tido mais contato com Zé da Prata.

Neste sentido, a partir das entrevistas com os indivíduos mencionados, observamos e constatamos que de fato os discursos ditos sobre Zé da Prata são verdadeiros: todos os entrevistados confirmam a popularidade do poeta, destacam os espaços de sociabilidade existentes na cidade de Altos entre 1920 e 1949 e pontuam a popularidade de seus repentes na cidade de Altos -PI, pois os mais satíricos tendiam a causar mais constrangimentos, mas, no geral, as pessoas gostavam de ouvir seus improvisos nos diferentes espaços de sociabilidade.

Verificamos também, através das entrevistas, o “[...] movimento equilibrado entre o pessoal e o social, entre a biografia e a história” (PORTELLI, 2001, p. 15), pois há entre os transmissores uma tendência muito forte de relatar fatos de suas vidas com os elementos que geralmente o pesquisador precisa saber. Por que isso acontece? Justamente porque qualquer fato ou experiência ocorrida em nosso passado desencadeia outras lembranças. Dessa maneira, ao entrevistarmos pessoas que podem nos fornecer relatos sobre personalidades de uma específica comunidade, a tendência é que entre o que o pesquisador precisa saber e o que o entrevistado diz se encontram os relatos individuais, a história de vida pessoal. “[...] Na prática, a história oral permanece mais no entre: seu papel é precisamente conectar a vida aos tempos, a primazia à representatividade, tão bem como a oralidade à escrita” (PORTELLI, 2001, p. 15).

Por fim, as narrativas e diálogos supracitados, ao mencionarem elementos e características de Zé da Prata, contribuíram para considerarmos que a articulação entre o oral e o escrito produz narrativas legitimadoras do valor do passado e nos demonstra a riqueza dessas experiências, já que nos possibilita entender diferentes aspectos do passado.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGH, 2004.

DIAS, Carlos Alberto. **Prata da lei**. Teresina: Halley, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edição Loyola, 2002.

PELLEN, Jean- Noël. Memória da literatura oral a dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto. In: **Projeto História**. São Paulo, Junho de 2001.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero**. Projeto História. São Paulo, Junho de 2001.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Do singular ao plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

TAVARES, Zózimo. **Zé da Prata, o poeta da sátira**. Teresina: Júnior Ltda, 1995.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Entrevistas

COSTA, Erasmo da Silva Oliveira. **Entrevista concedida a Josi de Sousa Oliveira**. 29. Jul. 2013.

SILVA, Joana Brasilina. **Entrevista concedida a Josi de Sousa Oliveira**. 20 Set. 2013.

SOARES, Arlindo Batista. **Entrevista concedida a Josi de Sousa Oliveira**. 10 Set. 2013.

VIANA, Maria Ester Paiva. **Entrevista concedida a Josi de Sousa Oliveira**. 04 Set. 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afoxés 163, 164, 166, 167, 169, 170, 173, 174

Amazônia Maranhense 107, 108

Assédio Sexual 1, 2, 3, 7, 8, 15, 16

B

Belle Époque 37, 38, 43, 44, 161

Brasil 2, 7, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 61, 65, 72, 73, 74, 76, 78, 81, 85, 89, 92, 93, 109, 114, 119, 120, 122, 124, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 163, 165, 173, 175, 182, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 220, 221, 230, 231, 233, 255, 265, 266, 269, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297

C

Camponeses 93, 94, 95, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 127

Comunidades 79, 80, 86, 87, 88, 89, 94, 95, 99, 101, 103, 107, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 184

Cura 145, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 162

D

Decolonial 79, 80, 81, 84, 90, 91, 93

Diocese 77, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 177, 178, 180, 186

Ditadura Militar Brasileira 263, 297

E

Educação Infantil 31, 32

Ensino de História 298

Escolas 1, 3, 7, 12, 14, 15, 16, 20, 25, 81, 87, 119, 146, 147, 166, 184, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 282

Esquerda 113, 280, 288, 289, 291, 294, 295, 296, 297

Estudo de Caso 1, 3, 31, 32, 35, 126

Exposed 1, 2, 3, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 94

F

Federações Camponesas 94

Feminismo 31, 32, 33, 34, 35, 36, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 44, 46, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 217, 265, 298

Geografia 76, 107, 115, 116, 118, 187, 298

H

História 1, 7, 17, 28, 29, 30, 32, 36, 37, 38, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 77, 78, 79, 81, 87, 90, 91, 92, 93, 105, 107, 110, 114, 118, 119, 124, 130, 131, 132, 136, 152, 154, 155, 162, 163, 165, 167, 168, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 194, 203, 205, 206, 207, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 242, 255, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 270, 271, 273, 274, 275, 281, 282, 283, 287, 288, 289, 297, 298

I

Indígenas 55, 56, 59, 60, 68, 72, 74, 75, 76, 80, 83, 89, 90, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 123, 127, 132, 134, 136, 139, 140, 141, 169, 170, 171, 173, 180

Insurgência 132, 141

L

Luta pela Terra 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 103, 120, 121, 123, 125, 128, 129, 130

M

Medicina 24, 27, 28, 55, 76, 107, 156, 157, 158, 159, 161, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Memórias 113, 131, 167, 182, 189, 206, 208, 216, 263, 266, 267, 269, 272

P

Paradigmas 263, 264

Pentecostalismo 144, 145, 148, 149, 150, 151, 153

Peregrina 219, 224, 227

Q

Quilombolas 80, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 125

R

Religião 48, 72, 88, 118, 120, 130, 131, 133, 135, 137, 140, 142, 144, 148, 151, 152, 153, 172, 173, 175, 220, 222, 226

Religiosidade 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 167, 169, 171, 173, 176, 219, 222, 225

Repentista 204, 205, 206, 214, 216

Representações 37, 38, 44, 54, 78, 80, 112, 154, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 173, 174,

175, 177, 182, 185, 204, 219, 229, 276, 278, 280

Retratos Fotográficos 37, 38, 39, 43, 44

S

Sala de Aula 1, 2, 3, 7, 10, 12, 14, 15, 31, 205

Saúde 1, 7, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 100, 107, 147, 156, 158, 159, 161, 187, 189, 190, 191, 192, 196, 203, 211, 284

Sexualidade 3, 4, 6, 7, 15, 32, 33, 45, 47, 48, 50, 53, 54, 76, 78, 81, 83, 84, 91, 92

Sociedade Colonial 45, 52

V

Vida Pública 126, 173, 231

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4